

A portrait of Marília Morello, a woman with short, wavy hair, smiling warmly. The image is overlaid with a blue tint. She is wearing a dark jacket over a white collared shirt. In the bottom right corner, there is a logo for Colégio Santa Cruz, featuring a yellow maple leaf and the text 'Colégio Santa Cruz' and 'Congregação de Santa Cruz'.

Marília Morello

Uma educadora
de portas abertas

Colégio Santa Cruz

Colégio Santa Cruz
Congregação de Santa Cruz

*A reportagem “Marília Morello: uma educadora de portas abertas” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres e educadores – professores e funcionários – da escola), que se propõe a reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida por Nanci Pittelkow.
Junho de 2022*

Marília Morello

Uma educadora
de portas abertas

Com dedicação extremada, sabedoria e afeto, Marília Morello criou e desenvolveu o curso primário completo do Colégio Santa Cruz, para meninas e meninos, em uma instituição que até 1974 tinha como tradição o ensino voltado para adolescentes do sexo masculino. Seu amor pela leitura e pela língua portuguesa influenciaram uma educação que une disciplina e fruição, em sintonia com uma escola que tem a biblioteca em seu coração. Dedicada e observadora, conduzia as conversas com educadores, famílias, estudantes e funcionários com energia, elegância, escuta e inteligência. Mãe de quatro alunos, sendo duas ex-professoras do Colégio, e avó de seis estudantes, é uma pessoa à frente de seu tempo em muitos aspectos. Defensora de valores sólidos, frisava seu projeto com a frase: “eu quero que as crianças sejam gente com G maiúsculo”.

Por Nanci Pittelkow



A aula de biblioteca fluía animada e tranquilamente, como ocorria toda semana: cada pequeno estudante, com seus 8 ou 9 anos, segurava o livro que tinha escolhido e lido naquele intervalo e todos trocavam impressões, cada um na sua vez. A turma estava dividida pela metade, para que todos tivessem oportunidade de falar sobre a leitura, sem atropelos. A sala, que já fora utilizada no passado para as aulas de Geografia do professor Samuel, abrigava agora a biblioteca infantil. Plena de janelas e na esquina do prédio da antiga biblioteca central, estava a uma curta distância na diagonal da sala da diretora do Ensino Fundamental 1, o antigo primário. Como às vezes fazia, quando sua agenda permitia, Marília se levantou de sua mesa e caminhou até a janela da sala do projeto de leitura. Com doçura e com a aquiescência da professora da classe, perguntou aos alunos: “O que vocês estão lendo?”. Depois, emendou mais uma questão para a criança mais próxima: “O que você entendeu?”

O Projeto de Leitura – Aula de Biblioteca era caro à Marília. Em toda sua trajetória como professora de Português e diretora dos quatro anos iniciais do Colégio Santa Cruz, Marília Morello revelou seu apreço pela compreensão e seu cuidado em proporcionar trilhas e ambientes para que cada aluno pudesse ler e entender um texto. Os livros sempre foram sua paixão, que a fizeram cursar Letras na universidade e serviram de companhia, ou pretexto, nas noites de insônia. Era capaz de ler livros volumosos de um dia para o outro.

Ela foi admitida em 3 de março de 1969 para ministrar aulas de Português para classes do ginásio, o atual Ensino Fundamental 2. Naquele momento, a escola admitia somente meninos. Sua filha mais velha, Cecília, tinha 11 anos quando a mãe passou a dar aulas no Santa Cruz e só viria a estudar na escola na primeira turma de meninas, em 1974, quando entrou no colegial, atual Ensino Médio. Maria de Lourdes, a segunda, foi da turma que entrou em 1975. Antônio José, o mais novo, entrou no 3º ano do primário. Foi o terceiro filho, José Geraldo, o Zeca, que teve a chance de ser aluno da própria mãe quando ingressou na 5ª série.

“Foi o primeiro aluno que ela colocou para fora da classe”, lembra Cecília Morello, que também foi professora do Colégio. Ela repreendeu um comportamento indesejável e orientou-o a não o repetir. “Na certa, ele confiou na impunidade, por ser filho, e testou. Teve que sair da sala”, diverte-se Cecília.

Para entrar na quinta série, os candidatos realizavam uma prova de avaliação de matemática, língua portuguesa e redação. Marília era responsável por desenvolver o tema das redações e por corrigi-las. Assim como no exame de seleção do Ensino Médio, todas as provas eram numeradas e descaracterizadas do nome do autor para que o corretor não fosse influenciado por fatores subjetivos. Ao chegar em casa, depois de fazer a prova, Zeca foi logo contando para a família como havia trabalhado o tema, no que foi rapidamente interrompido pela mãe: “Pode parar! Eu não quero identificar sua redação”.

Como professora, diretora e em sua vida social e familiar, Marília era sempre a mesma persona, mesclando doçura com seriedade, correção com acolhimento, conhecimento com humildade e generosidade. “Tive contato com ela, adulto, em situações extraescolares, por algumas relações familiares coincidentes, e ela tinha uma postura acolhedora, era a mesma nos dois ambientes”, relembra o engenheiro Flávio Prando, da turma de formados em 1974, que foi seu aluno no ginásio e teve filhos na escola quando Marília já era diretora.

O atual diretor geral, Fábio Aidar, lembra-se especialmente do acolhimento quando se sentava ao lado dela nas reuniões do Conselho pleno da diretoria, a partir de 1989. “Ela tinha sempre um sorriso franco e um olhar atento ao que estava acontecendo, cuidando para um bom ambiente”, reflete Fábio. “Dona Marília era muito admirada por todos, especialmente pelas professoras do Fundamental. Ostentava uma imagem tradicional de diretora de escola, no sentido positivo da palavra tradição”.

Todos se lembram de sua elegância e de sua figura clássica, que suscitava um respeito quase intimidador. Vestia sempre saia e blusa,

vestido ou conjunto de tailleur, meias finas, sapato estilo Chanel, cabelo grisalho de corte curto convencional e colar de pérolas. “Confesso que eu tinha um pouco de medo”, conta Marta Pittelkow, que trabalhou na secretaria do Ensino Fundamental entre 1977 e 1985.

O figurino clássico, porém, não atrapalhava, mesmo nas situações mais adversas. “Em uma das enchentes na escola, a água começou a subir rapidamente e, mesmo em pé sobre as carteiras, os alunos estavam em risco”, conta a orientadora Marinez Cattel Alves, contratada como professora em 1980. “Começamos a levar as crianças nas costas para o pavilhão mais alto e me lembro da Marília correndo pra lá e para cá de meia de seda, sem sapato, coordenando a retirada segura das crianças”.



Conciliar características aparentemente contraditórias talvez seja um traço de família. Marília Ulson Câmara Mattos Morello nasceu em 8 de janeiro de 1931, em Araras. Sua mãe passava uma temporada na casa de um irmão, enquanto o pai atuava nos bastidores da Revolução Constitucionalista, revolta dos paulistas contra o governo de Getúlio Vargas, em 1932, na qual efetivamente lutou. Portanto, uma tradicional família paulista que depois retornou para a capital de São Paulo.

Pelo lado materno, o avô de Marília era sueco e a avó, suíça. Marília era a mais nova de três irmãs que tinham quase 10 anos de diferença. As três fizeram curso superior, destacando-se das primas. A mais velha, Cecília, fez Biologia, nome e carreira repetidos pela sobrinha. A do meio fez Química e foi para os Estados Unidos sozinha cursar uma especialização. “Eram extremamente modernos para a época”, confirma a filha Cecília. “O estudo para a família era uma questão séria. E tinham que ser boas alunas!”.

Por influência de bons professores ou pelo já conhecido amor à leitura, Marília cursou Letras Clássicas na PUC e passou a dar aulas no Colégio Des Oiseaux para meninas. Parou de trabalhar quando se casou

e teve quatro filhos em sequência. Mas nunca foi vista como a dona de casa “rainha do lar”. O caçula, Antônio José, o Guga, lembra-se sempre da mãe trabalhando muito, quando ela retornou ao magistério. “E o meu pai a apoiava, não que devesse fazer diferença, mas na época isso não era comum, era contra a corrente”, conta Guga. “E ela sempre teve a oportunidade de fazer o que mais gostava”. As lembranças de Cecília combinam com as de Guga: “Em casa, lembro dela corrigindo provas.”

Quando a filha mais velha tinha 6 anos, Marília reiniciou sua trilha para a educação, primeiro com uma substituição temporária em uma escola perto de casa, em Santo Amaro. Depois de algum tempo, uma grande amiga que era diretora da Escola Estadual Carlos Maximiliano, na Vila Madalena, a convidou para dar aulas de Literatura e Latim para turmas do colegial.

Marília recebeu o desafio de criar o Curso Primário completo e misto em uma escola tradicional para meninos adolescentes.

Seu caminho começou a se aproximar do Santa Cruz quando ela fez amizade com Seu Monteiro, que trabalhava como inspetor de alunos de dia no Colégio e à noite no Maximiliano. Eles formaram um vínculo e ele brincava que um dia ela iria trabalhar no Santa. Em 1969, surgiu uma vaga na quarta série do ginásio, o que seria hoje o 9º ano.

“Como aluno, lembro de duas características marcantes: ela muito preparada para ensinar português, que não era minha a matéria do coração”, conta o engenheiro Flávio Prando. “Isso fez muita diferença no meu desempenho acadêmico e profissional futuros”. Segundo Flávio, ela se diferenciava de alguns professores que impunham um distanciamento maior dos alunos. “Exigiam algum formalismo, e Marília reduzia essa distância”.

Se a Marília exercia sua personalidade única em diversos espaços, também a refletia no tempo. “Fui aluna dela entre 2007 e 2009, quando tinha meus 10 anos”. Quem conta é Raphela de Souza Andrade, analista de relacionamento sênior em uma grande empresa internacional. Desde antes da aposentadoria como diretora do Fundamental I, em 1997, Marília passara a trabalhar como voluntária nos programas do Jaguaré Caminhos. “Tenho muito carinho pela lembrança dessas aulas. Elas aconteciam nas quartas-feiras, para mim, e eu gostava muito desse dia”. Ela se lembra da doçura de Marília e das demais voluntárias, do cuidado e das atividades criativas. “Recordo até hoje de quando ela ensinou sobre considerar as pontuações nos textos!”.

Depois de atuar como professora, inicialmente na última e na penúltima série do ginásio e depois no 5º ano, Marília foi convidada para dirigir o curso primário, a partir de 1974. Foi um ano marcante para o Colégio Santa Cruz. O Fundamental 1, que naquele momento tinha apenas classes de 3º e 4º anos para meninos, passaria a ser completo, desde o 1º ano. As meninas seriam admitidas em todas as séries, do Fundamental ao Ensino Médio – ou primário, ginásio e colegial, na terminologia da época. E a EJA, ou supletivo, abriria à noite, gratuita, para adultos que não tiveram chance de estudar, como forma de atender a uma das diretrizes adotadas pela Congregação Santa Cruz, após o Concílio Vaticano II orientar pela opção preferencial da igreja pelos pobres.

A diretora até aquele momento era Laura Lacombe, que saiu da escola para desenvolver outros projetos. Sem nunca ter trabalhado com turmas do primário, o desafio de Marília era o de criar algo praticamente novo, completando as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental, agora mistas. O Santa Cruz já tinha bem definidos os cursos do colegial e do ginásio.

Marília contava com a admiração de Luiz Antonio Souza Amaral, que era o diretor de todo o 1º Grau, equivalente ao Ensino Fundamental. E tinha muita afinidade com o Padre Corbeil, diretor geral da escola, que chegava a passar algumas festas de Natal na casa da família. Assim

como Marília, Corbeil gostava de se vestir com elegância e circular pelo campus, observando tudo. Mas a principal semelhança com o padre era a crença na educação como elemento fundamental de constituição dos valores de uma pessoa. “Precisamos de gente com G maiúsculo”, ela sempre dizia.

“Era uma educadora com E maiúsculo”, reflete Cida Reif, contratada para o primeiro grupo de professoras de primeira série e posteriormente orientadora por 23 anos.

O processo de contratação foi marcante para as professoras. Primeiro, as candidatas passavam por provas de Português e Matemática. “Essa para mim foi difícilíssima”, conta Cida. Os bem-sucedidos na prova eram convocados para dinâmicas de grupo. “Foram várias sessões de psicodrama. Hoje seriam jogos cooperativos”, confirma Sônia Barreto, professora contratada em 1974 e que se aposentou como diretora do Fundamental 1 em 2021. “Lembro que a seleção foi demorada, caprichada e exigente”, conta Sônia. Cida reforça que a cada etapa ligava para Dona Madalena, a titular da secretaria do Fundamental, para saber se tinha passado para a próxima fase. A última etapa era a entrevista com a nova diretora. “Foi adorável!”, lembra Cida. “Um papo muito gostoso”.

Foram classificadas oito professoras, duas para cada sala de 1º ano. Durante o mês de fevereiro, a nova equipe comandada por Marília planejou o trabalho do ano, a partir de apresentações sobre a filosofia da escola e discussões sobre os textos do padre Charbonneau, escritor e vice-diretor do Colégio. “Que tipo de cidadãos queríamos formar era a tônica do debate”, exemplifica Cida. Os planejamentos envolviam, além de reflexão, o estabelecimento de metas, das trilhas necessárias para atingi-las e o desenvolvimento de material pedagógico adequado para tal. As aulas começaram em março. “E durante todo o ano fizemos avaliações passo a passo para chegar aonde planejamos”, conta Cida.



Além de diretora, Marília era a coordenadora da área de Português para o Fundamental 1. Ela elaborava o material adotado e o atualizava todos os anos. Eram as famosas apostilas, que eram divididas entre interpretação de textos, gramática e ortografia. “Aprendi muito português com ela, tenho regras memorizadas até hoje”, conta Marinez Cattel Alves. “Ela não só falava e escrevia muito bem, como era muito didática”.

As apostilas de ortografia, por exemplo, eram aplicadas do segundo ano em diante e traziam regras, exemplos de uso e exercícios de treino para as situações mais complexas do português, como os usos do S e Z, X e CH, a formação de substantivo com Ç, entre outros. “Marília era centralizadora e muito apegada às apostilas”, recorda Maria Cristina Dias, a Tupa, professora que se aposentou em 2020. Depois que Marília saiu em 1997, as apostilas passaram a ser desenvolvidas pelos próprios professores. “Mas ainda tem muito resquício, é um material próprio do Colégio”. Para Tupa, mudou a forma pedagógica, mas permanecem o estilo e a exigência. Naqueles idos de 1980 e 1990, a aferição do aprendizado seguia alguns rituais.

A sexta-feira era um dia diferente e aguardado pelos alunos do Fundamental 1. As aulas acabavam mais cedo, às 16h30, não às 17h30, para que as equipes pudessem realizar reuniões. Às vezes era permitido levar um jogo ou brinquedo de casa. Mas uma das singularidades do último dia útil da semana era motivo de expectativa para quase todos os alunos e até para os professores: o temido ditado da primeira aula, com 20 palavras e algumas frases que pudessem conferir se o conteúdo das apostilas estava sendo assimilado. E valia nota. “A gente ficava esperando-a chegar, porque ela que fazia o ditado, decidia quais eram as palavras, as frases...”, conta a professora Maria Cecília Orlandi, a Ciça.

“Tinha uma pequenininha na minha classe que, toda vez que tinha ditado, ela esticava o dedo e falava ‘meu dedinho está doendo’, para não fazer o ditado”, conta a professora desde 1983, Elisabeth Barbi. “Ela tinha dificuldade com ortografia”. Beth foi lembrada por quase

todas as pessoas entrevistadas por conta de seu histórico também ligado à língua portuguesa. Foi professora de recuperação da matéria nas quatro séries, trabalhando duas manhãs a mais por semana “por longuíssimos anos”, conta.

Um dos instrumentos pensados por Marília que Beth gostaria de recuperar é o caderno Caderflex grande, que acompanhava os alunos do 1º ao 4º ano para reunir suas produções de textos. “Era um registro da trajetória e da evolução da escrita de cada um”. Beth e muitas professoras também descrevem Marília como sabida, *sabidíssima*, em seus conhecimentos e sempre generosa. Ela revisava textos do Luiz Antônio e do Padre Corbeil da maneira que ele gostava: aplicando as regras sem mexer na estrutura do texto. E ela estava sempre disponível para dúvidas.

“A porta da sua sala estava sempre aberta para todos e todas as questões”, confirma Almenor Tacla, professor de Ciências, colega nos anos iniciais no ginásio e coordenador do Fundamental, no qual trabalhou por 24 anos. “Se a porta estava fechada, era para entrevistas, e só”. Quando coordenador de Ciências, Tacla teve apoio de Marília para realizar projetos inovadores com as crianças, como levá-las para conhecer o caminho da produção de alimentos por meio da visita a frigoríficos, granjas, supermercados, hortas e assentamentos. “Ela bancava as nossas ousadias”.

Sempre mantendo as portas abertas, Marília não era uma diretora de gabinete e estava permanentemente circulando e observando tudo o que acontecia. O futebol, por exemplo, era a febre do recreio, mas alunos que não gostavam do esporte ou que não jogavam bem ficavam de fora. Para integrá-los, Marília convenceu o diretor do Fundamental a adquirir duas mesas de pingue-pongue, que eram montadas antes do recreio e desmontadas depois, para não atrapalhar as aulas.

Em suas andanças, uma vez Marília topou com um pequeno grupo de alunas da 6ª série do ginásio que se alvoroçavam próximo ao balcão da secretaria. Elas tinham sido fisgadas pela leitura e estavam sema-

nalmente emprestando novos livros na biblioteca, trocando impressões e sugestões. As histórias preferidas eram aquelas de crime e mistério, com predominância de livros da brasileira Stella Carr e da britânica Agatha Christie. Só que algumas histórias mais sombrias acabaram perturbando o sono das jovens impressionáveis, mas elas não queriam perder o ritmo de leitura. O que fazer? Atenta à conversa, a secretária chamou a atenção das alunas, pois a diretora estava passando. Não era para dar bronca, e sim para lembrar que Marília era professora de português, especializada em literatura infantojuvenil. Elas podiam pedir indicações. Marília ouviu atentamente o problema e ofereceu novas perspectivas de leitura para as adolescentes.

A aula de biblioteca foi desenvolvida por Marília para que as crianças apreciassem a leitura e a língua portuguesa.

Marília estava sempre atualizada sobre tudo que era publicado em literatura infantojuvenil. E mais do que dominar o conhecimento técnico, ela queria fazer a língua portuguesa ser viva, e não ser apenas mais uma matéria. Além disso, tinha seu amor pelos livros. Tudo somado, surgiu o projeto da Sala de Leitura – aula de biblioteca. Para apresentar o projeto, uma palavra se destacava: FRUIÇÃO.

Na primeira experiência, a leitura era guiada por uma monitora que levava os alunos até a biblioteca, mas o acervo não ficava ao alcance dos pequenos. Veio a sala separada, com mesinhas, almofadas, rodas de conversa e todo o acervo infantojuvenil classificado de acordo com a faixa etária, ao alcance para manuseio, apreciação, escolha. Para que desse certo, Padre Corbeil autorizou a contratação de uma professora especificamente para o projeto. A primeira foi Maria Cristina de Lima Carvalho Sica.

“Eu amava as aulas de biblioteca com a Cris Sica”, conta Fernanda Pittelkow, que ingressou em 1986. Muitos dos livros viravam cenas teatrais apresentadas na classe. As melhores eram escolhidas pela turma e encenadas para a série inteira. “Minha turma foi escolhida para uma das cenas”, lembra Fernanda. “Fiquei muito nervosa, nunca imaginava ter de representar para as outras salas. Mas foi muito bom”.

Do primeiro ao quarto ano, alunos ampliavam seu vocabulário e suas habilidades na escrita com a Sala de Leitura.

A cada ano, os alunos viviam uma experiência diferente. No 1º ano, como não eram totalmente alfabetizados, ouviam muitas histórias e contos de fada, em fase de ampliação de vocabulário. “Uníamos o lúdico e o concreto”, conta Cris Sica. Com a série Maneco, caneco, chapéu de funil, de Luís Camargo, os objetos saíam das histórias e encontravam aplicação prática, quando os alunos saíam da sala para preparar arroz ou fazer café na própria escola. “Tornávamos a literatura algo palpável”.

No 2º ano, os estudantes mergulhavam na leitura com mais autonomia. Tinha o livro escolhido e trabalhado pela professora em classe e outros emprestados individualmente, com muita troca entre os alunos, e sugestões vindas de casa. Toda semana cada aluno levava um livro e fazia a apreciação literária no grupo, em um processo semelhante ao hoje em voga nos clubes de leitura.

No 3º ano, com o projeto “Eu sou autor”, as crianças escreviam um livro em grupo. Para aprender sobre o processo de criação, Marília convidava escritores para conversar com as crianças, muitos com relação com a escola, como Stela Carr e Zivaldo. Os alunos visitavam editoras para se inteirar da dinâmica de produção de um livro. “Mais para frente, já adolescentes, voltavam para apreciar nas estantes da sala os livros

que tinham escrito no terceiro ano”, recorda Bia Savoldi.

Hoje já incorporado às disciplinas, no 4º ano, surgia o “Agora sou jornalista”, quando os alunos estudavam o jornal, seu formato físico, o que era o editorial, a reportagem, as editorias, e visitavam as redações. Na leitura, entravam no cardápio as histórias de aventura: A Ilha Perdida, de Maria José Dupré, Pântano de Sangue, de Pedro Bandeira, Sangue Fresco, de João Carlos Marinho.

Bia Savoldi conta que Marília perguntava para os responsáveis pelo curso ginásial o que estava faltando para melhor preparar os jovens. “E quando chegava a 5ª série, os professores percebiam que o repertório dos alunos que entravam era diferente em relação aos do Santa”, reforça Bia. “No colégio, eles já tinham lido peças teatrais, já tinham encenado, conheciam muito de mitologia, antes de lerem Harry Potter”, completa. Outra preocupação era que as crianças treinassem a leitura em voz alta, que para Marília tinha que ser um modelo. Diversas pessoas da escola eram convidadas para dar o exemplo e ler para os alunos.

Cris Sica conta que o projeto da nova Biblioteca Padre Charbonneau começou a nascer ali. “Por exemplo, a biblioteca das crianças era uma bagunça para as bibliotecárias tradicionais”. A direção da escola pesquisou várias bibliotecas já pensando nesse espaço interativo, para tirar o livro para fora da estante. As salas de leitura convencionais exigem silêncio e o espaço das crianças era outro, com trabalhos nas paredes, música e interação e com outras matérias, como Artes, Música, Matemática, essa a partir do estudo do sistema internacional de classificação bibliográfica. “Quando fazíamos as viagens de estudo do meio, sempre buscávamos uma leitura relacionada”, diz Cris. A tecnologia também passou a somar e entrou no novo espaço. “Para Marília, a biblioteca tinha que ser o coração da escola, como ficou”.

A aula de biblioteca era uma especialidade que nenhuma outra escola tinha naquela época. “Quando fiz biblioteconomia, incentivada pela Marília, fui apresentar o projeto em congresso em Nova York”, conta Bia. “Ninguém apresentou nada parecido”. Cris Sica, pós-graduada em

literatura, reforça: “Eu chegava aos congressos de literatura infantil e as discussões giravam em torno da necessidade de as instituições de ensino contarem com um espaço próprio para as crianças terem acesso aos livros e à leitura. E o Santa já tinha. Era motivo de muito orgulho”.

A busca por especialização era uma constante entre os profissionais que conviviam com Marília, que sempre estimulava as pessoas a estudar e conhecer mais, como ela própria. Contratada aos 21 anos, a professora Maria Cecília Orlandi, a Ciça, procurou aos 27 anos cursar Letras, muito influenciada pela diretora. “Eu era melhor em matemática, mas quis aprofundar a questão da língua e depois fiz mestrado em literatura infantil”.

Sempre estudiosa e atualizada, Marília era reconhecida como uma entusiasta da literatura infantil de Monteiro Lobato, algo bastante lembrado entre as educadoras. Hoje, no entanto, a obra de autor é objeto de análise.

“Nós assistimos a uma palestra muito fundamentada de duas educadoras falando da literatura e da pessoa racista que era Monteiro Lobato”, comenta a orientadora Marinez. Para ela, mesmo considerando o valor literário das obras, algumas expressões racistas dos textos são incontornáveis. “Eu tive que fazer um luto para tratar desse desencanto com o autor”. Marinez considera que há outras autoras e autores capazes de gerar o encantamento pela leitura.



A educação antirracista que hoje pauta diversas ações da escola talvez fortalecesse ainda mais a postura mediadora de Marília anos atrás. Quem conhece a expansiva Maria Cristina Dias, a Tupa, pode imaginá-la em conversas e cumprimentos efusivos com outras professoras, mães e alunos, sem que isso causasse nenhum estranhamento. “Mas uma vez o Paulinho, um funcionário da manutenção bastante alto, meu amigo e desinibido, cumprimentou-me no portão com um leve abraço

e um beijo na testa”. Uma demonstração natural em um ambiente considerado familiar, como o Colégio Santa Cruz. Porém, uma mãe viu o cumprimento entre a professora e o funcionário da manutenção, considerou-o inadequado e foi reclamar para a diretora. Mais tarde, Marília chamou Tupa para expor o ocorrido. “Ela disse que havia famílias que ainda não conseguiam entender esse tipo de contato entre professores e funcionários”, relembra. Segundo Tupa, Marília teria tentado mostrar a essa mãe que inadequado era o incômodo dela.

Já diria Leonardo da Vinci, artista renascentista, inventor e aforista: “Reprende o amigo em segredo e louva-o em público”. Era o que Marília fazia com professores e funcionários caso precisassem de alguma orientação: pegava-os pelo cotovelo e levava-os para uma conversa em particular. E sempre os defendia diante de reclamações das famílias, com ou sem razão.

Sílvia Viana, contratada bem jovem em 1979 e agora recém-aposentada, foi chamada por Marília para assumir uma turma de 4ª série, pois uma professora havia saído. “Marília confiava no meu potencial e disse que me apoiaria em qualquer dúvida”, conta. No primeiro dia de aula, uma mãe a olhou e perguntou: “É você que vai dar aula para o meu filho?” Diante da confirmação, ela foi conversar com a orientadora Cida a respeito da professora: “Eu parecia bem mais nova do que eu era”. Cida e Marília explicaram sobre a experiência de Sílvia e o aluno foi um dos que mais evoluiu naquele ano. “A mãe ficou torcendo para que a irmã mais nova ficasse na minha classe quando fosse para a 4ª série”.

Marília sempre estava muito alinhada com as diretrizes dos padres Corbeil e Charbonneau na defesa de uma escola de alto nível acadêmico, plural e aberta ao diálogo, mas segura de suas escolhas.

Certa vez, em um acantonamento, durante um passeio, a professora Tupa e um grupo de crianças toparam com uma inofensiva cobrinha d’água, o que não era incomum. Tupa brincou que era uma jiboia e que ela ia comer todo mundo. Já era tempo de celulares, mas ainda não de redes sociais. “Quando chegamos de volta à escola, os pais estavam

na sala da diretora, desesperados com a história da jiboia que comia crianças”. Tupa foi imediatamente chamada e mostrou as fotos que tinham tirado. “Na hora os pais entenderam”.

Marília era educadora em relação aos pais. “Em algumas reuniões, a gente dava risada porque ela não se alterava com algumas perguntas deslocadas que apareciam”, lembra Annette Foronda Dil, mãe de quatro filhos que entraram na escola em sequência, a partir de meados dos anos 1970. “De uma maneira amiga, ela orientava todos nós, e muitas vezes a gente nem percebia”.

Reconhecida por sua fé, mas sem nunca fazer proselitismo, Marília enaltecia os valores cristãos durante as reuniões com as famílias, reforçando que educar envolve atitudes e exemplos, não apenas discursos.



Assim como no caso das apostilas de português, o exame de ingresso para a primeira série do Fundamental 1 era centralizado por Marília, que cuidava de todo o processo, incluindo redação, montagem e correção de tudo, sozinha. “Era uma loucura total antes, durante e depois”, confirma o filho Guga.

“Mas eu acho que ela ficava chateada de ter de selecionar alunos”, comenta a filha Maria de Lourdes Morello Teixeira, que também foi professora de Artes no colégio. “Para ela, todos deveriam ter oportunidade de receber um bom ensino, inclusive por isso foi dar aulas no Jaguaré”, completa.

Mais do que avaliar o mérito para o ingresso, o lado mais conhecido de Marília era o de estudar muito e buscar oferecer alternativas em todas as situações. “Ela adorava indicar bibliografias e conhecia os livros a ponto de indicar as páginas relacionadas à questão apresentada”, conta a orientadora Cida Reif. “Sua biblioteca era uma das mais ricas que eu conheci em educação, abordando questões como dislexia, dislalia, dificuldades de aprendizagem”. Essa bagagem, aliada à sensibilidade em

relação ao indivíduo e ao conhecimento que detinha sobre as famílias, estimulava a busca de soluções para os mais diversos casos.

Fernando, filho de Helena Meirelles, professora da EJA do Santa Cruz, tinha acabado de retornar de uma temporada nos Estados Unidos, onde a família morou por um tempo por conta do trabalho dos pais. No meio do ano, ele tinha passado para a segunda série naquele país e estava alfabetizado, mas em inglês. Marília achou importante começar a integrá-lo na escola e recomendou que já participasse da Festa dos Esportes. Uma professora do primeiro ano, que seria a série indicada para sua idade no Brasil, recomendou que ele fosse para a fila da 4ª série, por causa do seu porte acima da média. Nesse caso, a altura poderia ser um problema a mais.

“Eu tinha certeza de que ele teria que fazer novamente o primeiro ano”, conta Helena. “Ele escrevia o nome dele em letra de imprensa como aprendera em inglês e lia Ferr-naan-dou, com sotaque estrangeiro”, conta. “E escrevia FERNANDO com letra bastão e lia ‘em português’”, diverte-se a mãe.

Ela e Marília conversaram muito e a solução foi matriculá-lo nos últimos dois meses do primeiro ano enquanto ele fazia aulas particulares com uma professora especializada, orientada pela Marília. Assim, poderia estar apto para ir para o segundo ano.

Conhecimento e olhar atento às necessidades de cada aluno guiavam o trabalho de Marília na direção.

“Quando ele defendeu o doutorado em Matemática, convidamos Marília para comemorar junto”, lembra Helena. “Ela ficou emocionada. Falamos que isso não estaria acontecendo se ela não tivesse dado um rumo para a alfabetização dele.”

Como professora, Helena destaca que Marília era uma diretora arrojada e recorda quando ela mesma e outra professora da EJA – Educação para Jovens e Adultos -, estavam estudando um pouco de Vygotsky e Feuerstein e escreveram um pequeno projeto para trabalhar nas classes noturnas. Marília viu um destaque do projeto em um mural e convidou-as para fazer uma fala na reunião pedagógica do Fundamental 1. “Ela via algo diferente em relação à educação e logo ia estudar”, conta Helena.

O arrojo e a atenção ao aluno em suas multiplicidades não se limitavam ao Português ou às matérias em sala de aula. Um ponto de atenção era a caligrafia, um cuidado que a escola mantém. Outro, em todas as disciplinas, é o trabalho com a coordenação motora. “Chamávamos de ‘Prontidão’ o preparo do aluno para a alfabetização e para demais tarefas, desde saber como pegar um lápis, utilizar uma tesoura, ter postura”, exemplifica Sônia Barreto. “A Marina segurava o lápis errado”, conta Beatriz Pereira Lima, professora aposentada de ensino religioso, sobre a filha caçula. “Quando a Marília a via, orientava e estimulava, falando ‘eu sei que agora está difícil, mas eu sei que você vai conseguir’”.

A sala de artes era um espaço onde Marília talvez não fosse tão vista, mas estava presente justamente para estimular o desenvolvimento pleno e múltiplo dos alunos a partir de experiências neurosensoriais. “Não tinha esse nome na época”, explica Sachiko Ugayama, professora entre 1979 e 2009. As atividades em Artes eram pensadas para desenvolver essas percepções e sensações como visão, audição, tato, a partir do material utilizado. “Eu apresentava ideias e ela concordava e sugeria fazer um jogo, ou um quebra-cabeça, com eles”. Argila, xilogravura, instalações, origami, Tangram, entre outras propostas, estavam no dia a dia da aula.

Sachiko se mostra muito grata por Marília confiar em uma “jovem com pouca experiência”, como ela mesma fala. A professora de Artes nasceu em Lins, no interior de São Paulo, e era formada em magistério. Ela e os irmãos trabalhavam na fábrica do pai, que era pintor nas horas vagas e vinha para a capital participar de exposições. O gosto pela arte

e o amor por dar aulas para crianças eram um caminho natural. Depois de passar por duas escolas, Sachiko se formou em Artes Plásticas na FAAP, já grávida do segundo filho.

Convidada para dar aulas no Santa Cruz, dividia as turmas e o planejamento com a professora de Música, Luiza Viana. O outro professor da área nessa época era Gastone Rinaldi, que era mais focado em desenhos geométricos, coordenação e raciocínio, e passaria a dar aulas no ginásio. “A minha aula era mais livre para experimentação”, lembra Sachiko. “Eu gostava de trabalhar com sucata e buscar propostas de que os alunos gostassem de participar. Sempre tive apoio da Marília para essas invenções.”

Autonomia também destacada por Arcílio Tavares, professor de Educação Física na escola por 28 anos. Ele lembra do caso de um aluno cadeirante que entrou na escola. “Marília veio me procurar, preocupada que ele não ia conseguir participar da minha aula”. Ele garantiu que o menino participaria, como de fato brincou de pega-pega e participou de todas as brincadeiras e jogos. “Ela demonstrou confiança e gostou do resultado”, conta, destacando a abertura dela para sugestões e reivindicações. “Os acantonamentos foram assim, eu argumentei que dois ou três dias de viagem equivaliam a um ano de aula. Marília e a orientadora aceitaram”.



“Seu currículo é muito bom, você não vai ter problema para encontrar trabalho em lugar nenhum.” Ouvir esse comentário da diretora do primário não foi muito alentador para o músico Clóvis Moreno, em dezembro de 1982. “Para mim, significou um ‘aqui não’”. Mas talvez ela estivesse apenas tomando mais tempo para ponderar, já que, na Quarta-Feira de Cinzas do ano seguinte, ele recebeu um telefonema de Marília Morello convidando-o para participar da reunião de planejamento dos professores no dia seguinte. Depois de um temporal típico paulistano

que provocou alagamentos e muito trânsito, Clóvis chegou quase atrasado à reunião e encontrou “um monte de mulheres e o Arcílio”.

Naquele tempo, o professor de música tinha à disposição poucos recursos apropriados para sua aula e teve de inventar muitas coisas. “Eu pedi indicações para Marília e comecei a musicar alguns livrinhos com versos da biblioteca”. Ele então percebeu que a apostila de Português era toda ilustrada com versos, e musicou a apostila toda, que era trabalhada em suas aulas. “Tinha professora que não gostava, porque pedia para o aluno ler e a criança cantava”, recorda. Mas Marília não via problema, pois, quando ela alterava a apostila, avisava o professor, que atualizava a sua versão musical.

“Eu ficava um pouco intimidado com toda a bagagem cultural que ela tinha e aquela postura formal”, conta Clóvis. “Mas acho que ela gostava de mim, pois foi a todas as minhas apresentações e exposições”, diz o músico, que também era escultor.

“Ela acolhia alguns professores e funcionários como filhos e outros não se sentiam tão à vontade com ela”, confirma Maria Cristina, a Tupa. “Mesmo assim, a respeitavam muito profissionalmente”.

Artes, Música, Educação Física... Marília valorizava o intercâmbio entre as disciplinas para um ensino integral.

Já a filha, Cecília, nunca se sentiu privilegiada. “Quando trabalhei no primário como coordenadora não foi fácil ter mãe diretora, porque a prioridade eram sempre os outros”. Cecília confirma que a expectativa da mãe em relação a ela era a de perfeição. Quando precisou fazer uma cirurgia eletiva em 1987, saíram do médico e Marília falou: “Você não está sonhando em fazer agora, né? Vai deixar para as férias?”. Cecília rebateu: “É claro, mãe, não se preocupe”.

Cecília Morello deu aulas de Ciências no Santa Cruz por 35 anos. Seguindo os passos da tia, cursou Biologia pensando em trabalhar com pesquisa. Começou a trabalhar no Hospital das Clínicas enquanto estudante, mas estava difícil conciliar aulas e trabalho. O diretor Luiz Antonio ligou para convidá-la para substituir uma professora. “E eu me apaixonei pela sala de aula”. Aposentada, ela segue dando aulas particulares.

O trabalho voluntário de Marília com o reforço escolar no Jaguaré Caminhos marcou a vida e a lembrança dos estudantes atendidos.

O mesmo amor pelo ensino e a inquietação ao ver crianças sem saber ler e escrever aos 9, 10 anos, levou Marília ao trabalho voluntário no Jaguaré Caminhos, mesmo antes de se aposentar, no fim de 1997. “Eu calculo que ela tenha ficado 20 anos conosco”, conta Sandra Maria Cardozo Andrade, educadora do programa. “Muitas vezes as crianças falavam que aprendiam mais com a Dona Marília do que na escola”. Ela fala que antigos alunos às vezes cruzam com as educadoras e perguntam de Marília e sua equipe, mesmo 10 anos depois.

Essa memória afetiva, no entanto, já não pode ser manifestada por Marília. Aos 84 anos, ela passou a apresentar os primeiros sinais do mal de Alzheimer. “Depois de algum tempo, ela não fazia mais nada do que gostava, que era ler e estudar”, conta Cecília. Há cerca de três anos, permanece na cama, quase sempre de olhos fechados, apesar da boa saúde geral.

No início de 2022, as professoras Bia Savoldi e Ciça Orlandi foram visitá-la. “Ela estava serena, plácida, com a pele lisa, linda”, conta Ciça. “Ela sempre foi vaidosa e cuidou bem da pele, com bons cremes.”

A conversa se inicia com inevitáveis perguntas sobre lembranças.

“Lembra de mim?” Resposta negativa. “A gente é do Santa Cruz, você lembra?” Algo a desperta: “Da escola eu lembro, lembro muito”. Começaram a contar causos e Marília dava risada. “E trabalhei muito tempo lá”, ela confirma. Ela se reconheceu no Santa Cruz.

A nora Maria Inês acredita que há uma centelha de entendimento quando a visitam. “Toda vez que eu saio, eu digo: ‘Fica com Deus’. E ela responde: ‘Amém’.”



No Santa Cruz, em 1996, a idade de Marília se aposentar se aproximava. A direção geral, sob comando de Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães, queria separar as diretorias de Fundamental 1 e 2, que naquele momento eram exercidas de forma híbrida, com Luiz Antonio Amaral no ciclo completo e Marília Morello nas quatro primeiras séries. Em 1997, a direção completa essa separação, colocando Cristine Conforti na direção do Fundamental 1.

“Tenho muita gratidão pelo aprendizado que tive com Marília e pelo apreço que ela tinha pela língua e pela literatura”, confessa Marinez Cattal Alves. “Depois que ela saiu, a forma de ensino pode ter mudado, mas não mudou esse apreço, que é uma marca do Colégio Santa Cruz”.

Apesar de amar jardinagem e eventualmente fazer grandes tapetes de bordado arraiolo, Marília continuou mergulhada no que mais gostava de fazer: ler, estudar e preparar duas aulas por semana para o contraturno do CCA Santa Cruz, uma das unidades mantidas pelo programa Jaguaré Caminhos. Logo sua nora quis abandonar a advocacia e adotar o sonho antigo de dar aulas. Maria Inês Morello se somou ao programa e conseguiu até oito voluntárias para acompanhar as aulas.

Em meados de 2014, por uma mudança nas diretrizes da Secretaria de Educação municipal, parceira do Jaguaré Caminhos, o voluntariado

foi cortado para dar espaço a educadoras profissionalizadas. As crianças da unidade fizeram um abaixo-assinado: “Nós, alunos do CCA Santa Cruz, vimos pedir que continue com a aula de dona Marília e equipe”. Quando as voluntárias chegaram para se despedir, o documento já estava pronto e todas as crianças assinaram.

Maria Inês seguiu por outros projetos voluntários e continuou dando aulas de catequese em escolas particulares. “Eu achava muito mais fácil lidar com as crianças do programa. O carinho e o respeito são diferentes. Eles nunca pareciam se entediar”.

Assim como Marília, jamais abandonou seu papel de educadora com autoridade. “Ela não era de ‘passar a mão na cabeça’ de ninguém”, conta Maria Inês. Não deixava os alunos do Jaguaré ficarem de boné em aula ou à mesa, por exemplo. “E ninguém reclamava, as crianças adoravam. Tinham veneração por ela. Marília dizia que queria formar gente com G maiúsculo”.

Série “Santa Cruz de perfil”

Marília Morello: uma educadora de portas abertas

Projeto Editorial

Alejandro Miguelez
Fábio Marinho Aídar

Projeto Gráfico e diagramação

Caracol Design

Redação

Nanci Pittelkow

Revisão


Tainá Zaine Sandroni

Foto de capa

Arquivo do Colégio

Impressão

Aildo Carlos Oliveira Santos
Fredson Ribeiro de Sousa



Para a elaboração desse perfil foram entrevistadas e entrevistados Almenor Tacla, Annette Foronda Dil, Antônio José Morello, Arcílio Tavares, Beatriz Pereira Lima, Bia Savoldi, Cecília Morello, Cida Reif, Clóvis Moreno, Cris Sica, Eduardo Vellutini, Elisabeth Barbi, Fabio Aídar, Fernanda Pittelkow, Flávio Prando, Helena Meirelles, Maria de Lourdes Morello Teixeira, Maria Inês Morello, Maria Cecília Orlandi, Maria Cristina Dias (Tupa), Marinez Cattel Alves, Marta Pittelkow Goto, Raphela de Souza Andrade, Sílvia Viana, Sachiko Ugayama, Sandra Maria Cardozo Andrade, Sônia Barreto e Wagner Pittelkow.

Série “Santa Cruz de Perfil”

Edições publicadas

Padre José Amaral de Almeida Prado

Sacerdote da esperança, educador de minúcias
(setembro de 2015)

Padre Roberto Grandmaison

Fermento na massa
(setembro de 2016)

Padre Paul-Eugène Charbonneau

O boxeador que ensinava a pensar
(setembro de 2017)

Padre Lourenço Roberge

Razão, fé e sensibilidade
(setembro de 2018)

Padre Lionel Corbeil

Pragmático sonhador
(novembro de 2019)

Prof. Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães

O educador que inventou o futuro
(dezembro de 2020)

Profa. Lucy Sayão Wendel

Química do caráter, pedagogia da persistência
(junho de 2021)

Wagner Pittelkow

O multiplicador de memórias
(setembro de 2021)

Sylvio Nepomuceno

O matemático à procura de uma onça
(dezembro de 2021)

Malu Montoro

Um olho na educação, outro na cidadania
(maio de 2022)

